

CRIME ME CONDENA

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Uma peça policial em quatro atos e seis personagens

(5 personagens e 1 ponta forte (Juiz))

PERSONAGENS

Julio

Letícia

Antônio

Ricardo, O promotor

Dna. Marta

O Juiz

Contrarregna...

Original de Expedito de Lima

Argumento de Expedito de Lima

Maquilagem a cargo de...

Dirigida por...

Escrita em Tatuí em 12 de Janeiro de 1966

CENÁRIOS

1º Ato: Cenário interior de uma casa pobre

2º Ato: Cenário interior de uma casa diferente

3º Ato: Cenário o mesmo do 2º Ato

4º Ato: Cenário um Jurado

TRABALHARÃO NOS SEGUINTE ATOS

1º Ato — Letícia — Antônio — Julio

2º Ato — Dª Marta — Antônio — Julio

3º Ato — Ricardo — Letícia — Antônio — Julio

4º Ato — O Juiz — Ricardo — Julio

Em falta de personagens, mesmo Antônio fará o papel de Juiz

No 4º Ato, temos um jurado com o promotor, o réu, o juiz, o escrivão e o corpo de jurados. Não havendo, portanto, advogado de defesa.

ESCALAS POR TRABALHO

1º ATO — Letícia — Julio — Antônio

2º ATO — Dª Marta — Antônio — Letícia — Julio

3º ATO — Ricardo, Letícia — Antônio — Julio

4º ATO — O Juiz — Ricardo — Julio

1º ATO

EM CENA, LETÍCIA, À SÓS.

Letícia — Seis anos de casada, e seis anos de sofrimento, sofro calada neste casebre. Só espero que um dia tenha fim este sofrimento. Não adianta, ele não deixa desse vício. Não tenho esperanças. [UNS PASSOS LARGOS POR TRÁS DO CENÁRIO]

Deve ser ele, meu marido, vamos ver o que vou ouvir agora. Todas as noites é assim.

ENTRA EM CENA JULIO, O MARIDO BÊBADO, BEM EMBRIAGADO.

Julio — Leticia! Quem é que estava aí com você?

Letícia — Não digas tolices Julio, eu estou só, aqui.

Julio — Eu ouvi, Leticia. Não queira se desculpar.

Letícia — Isso é uma calúnia, Julio. Imagine se eu faria tal coisa.

Julio — Hé! hé! hé! Está pensando que eu vou na tua conversa? [JULIO EMPURRA A MULHER] Sai pra lá, nega. Eu vou verificar a casa, se acho alguma pontas de cigarros aqui, você me paga.

JULIO SAI DE CENA FAZENDO DE CONTA QUE ESTÁ EXAMINANDO A CASA.

Letícia — É sempre assim. Todos os dias chega embriagado. Todos os dias briga comigo. Sempre acha alguma coisa para poder discutir. Só anda em má companhia, não trabalha desde que casamos. Só eu trato da casa, e dele também. Vivo como uma louca nestes trajes. Mas que faça, sou pobre e tenho também um filho pra tratar.

JULIO ENTRA EM CENA DE NOVO E SENTA-SE EM UMA CADEIRA ACENDE-SE UM CIGARRO E...

Julio — Pois bem, Leticia... A casa está em ordem, mas você sabe de uma coisa?

Leticia — Do que Julio?

Julio — Você sabe que você está ficando cada vez mais feia? Quando nos casamos, você não era assim.

Letícia — Bem...Antes de casarmos, eu não vivia lavando roupa de sol a sol sem parar para tratar da casa.

Julio — Qual nada, o trabalho não é que estraga a beleza.

Letícia — O trabalho demais estraga até a saúde. Veja como estou magra. Você devia se envergonhar disso e arranjar um emprego Julio.

Julio — Eu arranjar emprego? há! há! há!

Leticia — Você devia pensar mais um pouco na vida.

Julio — Quer saber de uma coisa, Leticia? Eu faço o que bem entender, e estou contente assim. Você tem que trabalhar se quiser viver comigo, e não tente fugir.

Leticia — Julio... Eu não me importo trabalhar, mas queria que você não bebesse, e não brigasse mais comigo.

Julio — É melhor você calar-se Leticia, vamos veja uma nota aí para eu poder comprar um maço de cigarro.

Leticia — Julio, não podemos gastar muito, saiba que ganho pouco com lavagem de roupa.

Julio — Não me interessa mulher.

Leticia — Bem...apenas; apenas eu disse.

Julio — Isso não é nada ainda, a noite vou precisar de muito mais.

Leticia — Temos filho, Julio.

Julio — Já lhe disse que não me interessa Leticia.

Leticia — Está bem! Vou buscar.

Julio — Não é preciso. Eu é quem vou apanhá-lo, onde guarda os cobres?

Leticia — Você bem sabe que é na gaveta do guarda roupa.

Julio — Vamos ver hein?!

JULIO SAI DE CENA

Leticia — Hoje ainda está um pouco melhor, porque não está muito embriagado, mas é sempre assim, se eu não escondo um pouco do dinheiro não sei o que seria de nós.

UNS PASSOS POR TRÁS DA CENA. É JULIO QUE SAI COMPRAR OS CIGARROS

Leticia — É ele... Sim... Já foi... Apanhou o dinheiro e dirigiu para o bar. Espero que não tenha apanhado todo o dinheiro.

ANTONIO ENTRA EM CENA

Antonio — Olá mana, como é que vai a vidinha?

Leticia — Óh mano, que prazer em vê-lo. Mamãe está boa?

Antonio — Sim, Leticia, o que aconteceu que você não foi mais em nossa casa?

Leticia — Seria uma loucura eu sair de casa Antonio.

Antonio — Porque mana?

Leticia — Julio não se controla direito.

Antônio — Leticia, por que não vai morar conosco?

Leticia — Que bom se pudesse, Antônio, Julio seria capaz de fazer tanta coisa se isso acontecesse.

Antônio — Eu já lhe disse para deixar desse sujeito, mas você não me ouviu. Parece até que você adora sofrer, ele não merece nem os seus rastros.

Leticia — Tenho medo de um dia Julio perder a cabeça e me matar até.

Antônio — Bem, se você ficar aqui é quase provável que isso aconteça.

Leticia — Você não compreende, Antonio, eu...

Antônio — Já sei... Você gosta de Julio assim mesmo, e não quer abandoná-lo. Mas se eu estou lhe aconselhando, é para o bem de você e seu filho.

Leticia — É verdade, mesmo. Não sei o que será de Ricardinho se crescer neste ambiente.

Antonio — Olhe, Leticia, pense bem, não somos folgados e nunca fomos, como você sabe, não é? Mas lá conosco, você poderá trabalhar mais sossegada um pouco, e o menino fará tudo para que seja um alguém que não seja igual ao pai. Como você vê, a mamãe já está velha, cansada, ela ficaria contente se pudesse ver o netinho todos os dias, e você também teria uma vida mais tranquila se procurar esquecer de Julio, que este só trará aborrecimentos.

Leticia — Eu sei, Antonio. Fico-lhe muito agradecida de sua bondade.

Antonio — Não precisa agradecer, mana, nós somos irmãos sempre nos quisemos bons, desde criança, a mamãe teve e tem orgulho de nós. É um desgosto para mim vê-la massacrada nessa vida que leva.

Leticia — Que fazer mano? É errado a mulher abandonar o lar.

Antônio — Você não vai abandonar, e sim fugir do perigo. Pense bem Leticia, vou tomar esse ônibus. Tchau, mana. [DÃO AS MÃOS]

Leticia — Chau, Antonio, lembranças à mamãe.

Antônio — Serão dadas. Na semana que vem eu estarei aqui de novo

Leticia — Esteja mesmo. Talvez eu mude de ideia.

Antonio — Deve mudar hoje mesmo.

ANTONIO SAI DE CENA

Leticia — Deus o acompanhe, Antonio. Isso agora é um problema. Não é muito fácil de resolver mas não posso ficar a vida toda assim. [UNS PASSOS POR TRÁS DA CENA]. Aí, vem o Julio de novo, pendendo de bêbado.

JULIO ENTRA EM CENA EMBRIAGADO

Julio — Você pensa que eu não vi seu irmão vir aqui? É, não sei porque ele vem aqui.

Leticia — Ele vem nos visitar, não esquece de nós.

Julio — Ele sabe muito bem que eu não gosto dele.

Leticia — Não sei porque. Antonio nunca lhe fez nada.

Julio — Eu sei que nunca me fez, mas gosto só de gente do meu tio há! há! há!

Veja Leticia [JULIO MOSTRA UMA NOTA E...] Esta nota é para a noite, eu e os amigos vamos amanhecer na rua há! há! há! É para rebater a de ontem. [E JULIO SAI DE CENA].

Leticia — Não há mais o que pensar, Julio nunca deixará desse vício. Já tolerarei 3 anos. Estou decidida, vou me embora, seja o que Deus quiser.

PANO RÁPIDO.

FIM DO 1º ATO

2º ATO

D^a Marta, a mãe — E então meu filho? Você esteve na casa de Letícia, como vai ela e o garoto?

Antonio — Sabe mamãe, não pude ver o garoto, estava com muita pressa.

D^a Marta — Mas o que diz Antonio? Não consegui ver o meu netinho?

Antônio — Não é mamãe, quero que a senhora compreenda. Fiz meus arranjos muito atrasados, e cheguei na última hora na casa de Letícia.

D^a Marta — E estão todos bem?

Antonio — Naquela vidinha de sempre, sofre os infinitos com aquele traste. Aconselhei-a para separar dele e vir para cá.

D^a Marta — Mas não acho bom você se pôr na vida deles.

Antônio — Não é mamãe, eu não quero vê-la sofrer tanto, fiz isso para o bem dela e do garotinho.

D^a Marta — Eu sei, Antonio! Eu também não gosto disso, mas afinal Letícia casou não é? Falta de conselho, não é!

Antonio — Mamãe!...Não vá me dizer que a senhora não quer mais a Letícia aqui.

D^a Marta — Você não entendeu mesmo. Antonio.

Antonio — Sim, mamãe, entendi. A senhora parece não gostar de Letícia depois que casou. [ENTRA EM CENA LETÍCIA COMO QUEM CHEGA DE VIAGEM].

Leticia — Olá mamãe, aqui estou.

D^a Marta — Letícia minha filha, como vai você? E meu netinho?

Leticia — Vamos todos bem graças a Deus.

D^a Marta — E você, Ricardinho, o que foi não conhece mais a vovó?

Leticia — Ele está estranhando um pouco mamãe.

D^a Marta — Eu sei, mas logo ele acostumar-se-á, com licença, vou preparar alguma coisa, vocês devem estar com muita fome não?

Leticia — Estou mais cansada, vou sentar um pouco, depois irei à cozinha com a senhora. [D^a MARTA SAI DE CENA. LEVA O MENINO COM ELA].

Antônio — Eu pensei que você não mudaria de opinião.

Leticia — Há coisas que a gente é obrigada a fazer. Já aguentei muito, não sou de ferro, Antônio.

Antônio — Mas foi como eu disse para mamãe. É impossível você viver ao lado daquele animal.

Leticia — Amanhã eu vou arrumar emprego.

Antônio — Não...não é preciso. Vou ver se consigo encaixar você na fábrica em que trabalho. Precisamos de umas duas empregadas mesmo, e como eu sou chefe da seção será fácil admiti-la.

Leticia — Muito obrigada, meu bom irmão.

Antônio — Não precisa me agradecer, Leticia. Amanhã mesmo você estará trabalhando, vou tratar disso agora, até já.

Leticia — Até já, Antônio. [ANTONIO SAI DE CENA. LETÍCIA SOZINHA] Graças a Deus, consegui fácil, arrumação. Só estou com medo de uma coisa. Se Julio souber que estou aqui, não sei se vai gostar. Mas ele nunca descobrirá.

D^a MARTA ENTRA EM CENA]

D^a Marta — E então minha filha, descansou bem?

Leticia — Oh, sim mamãe. Estou mais com coragem agora. Sente-se mamãe, vamos conversar um pouco. [SENTA-SE]

D^a Marta — Sim...vamos. Mas e Antonio? Onde foi?

Leticia — Antônio foi ver se achava um jeito de eu trabalhar amanhã mesmo.

D^a Marta — Então quer dizer que você...

Leticia — Sim mamãe, eu vim para ficar mesmo. Não posso voltar para lá.

D^a Marta — É, eu não queria me intrometer na sua vida, mas...

Leticia — Já sei mamãe. Compreendo. Eu também tenho medo de estar aqui longe de Julio. O que fazer? Não tenho outra alternativa. [TOCA A CAMPAINHA]

D^a Marta — Quem deverá ser? Queira entrar por favor.

JULIO ENTRA EM CENA

Julio — Boa tarde D^a Marta. Como vai?

Leticia — Julio!...Como soube que estou aqui!...

Julio — Algum dia eu teria de descobrir

Leticia — Mas, espero que não venha a fim de me levar de volta.

D^a Marta — Bem...Vou para a cozinha, com certeza vocês querem ficar a sós.

D^a MARTA SAI DE CENA

Leticia — Por favor Julio, deixe-me aqui...É...é inútil vivermos juntos.

Julio — Você é minha esposa, Letícia.

Letícia — Já não sou mais.

Julio — Como? Já não é mais. Então quer dizer que...

Leticia — Hó! Não é isso, Julio, você não compreendeu. Eu não quero mais voltar. Já sofri muito ao seu lado.

JULIO ACENDE UM CIGARRO E...

Julio — Há! há! há! Vai se arrepender de não voltar.

ANTONIO ENTRA EM CENA

Antonio — O que queres aqui Julio?

Julio — Há...olá meu cunhado. Eu só vim dizer a Letícia para que precisa voltar.

Antônio — Não, ela não vai voltar, e é melhor que você não nos perturbe.

Julio — Antonio, será que você se esqueceu de que sua irmã é casada comigo?

Antônio — Não me esqueci. Só quero que ela viva em paz, e ao seu lado será inútil.

Julio — Eu prometo que agora ela terá paz.

Antonio — Hu!...Faz seis anos que você promete a mesma coisa, mas agora será diferente.

Julio — Diferente? Por que?

Antonio — Porque amanhã mesmo ela vai trabalhar e ficar aqui com nós.

Julio — Não!...Eu ainda não dei a minha permissão.

Antonio — Sua permissão para ela não vale nada para nós, agora pode retirar-se

Julio — Está bem Antônio, está bem Leticia, mas isso não vai ficar assim. Algum dia vocês me pagarão, há! há! há!

Antonio — [BRAVO] Sai Julio! Sai Julio! [DANDO GARGALHADA]

Julio — Há! há! há! Algum dia vocês me pagarão.

JULIO SAI DE CENA

Leticia — Antonio...Eu...eu estou com medo.

Antonio — Qual nada, não é preciso ter medo do que ele disse, estava bêbado.

Leticia — Sim, mas Julio é capaz de tudo.

Antonio — Letícia, você deve esquecer do que se passou, e começar uma nova vida. Já está tudo pronto, amanhã você irá para o seu emprego e Ricardinho também irá para escola.

D^a MARTA ENTRA EM CENA

D^a Marta — Venham, meus filhos. O jantar está pronto. Onde está o Julio?

Antonio — Mandei embora, mamãe. Julio estava bêbado, e queria levar Leticia.

D^a Marta — Nossa!...Você mandou-o embora!

Antonio — Sim; O que há de mal nisso?

D^a Marta — Bem...Venham, está na mesa.

Letícia — Não estou com apetite, mamãe.

Antônio — Deixe disso mana. O que você está nervosa? Vamos jantar e pensar no dia de amanhã. O que passou, passou.

PANO RÁPIDO

FIM DO 2º ATO

3º ATO

PRÓLOGO — ESTE 3º ATO DA PEÇA SIGNIFICA 20 ANOS DEPOIS. RICARDO AQUELE MENINO, SE FORMOU E HOJE É UM HOMEM FORMADO EXERCENDO O CARGO DE PROMOTOR PÚBLICO NAQUELE LUGAREJO.

LETICIA SENTADA EM UMA CADEIRA COM UMA REVISTA. RICARDO ENTRA EM CENA)

Ricardo — Olá mamãe, o que achou do conto?

Leticia — Ó Ricardinho, você já chegou! Ainda não terminei de ler toda história.

Ricardo — Então não vou perturbá-la.

Leticia — Há, não...Eu terminarei depois, já estou um pouco cansada mesmo.

Ricardo — Hé! hé! hé! é muito comprida a história.

Leticia — Sente-se, Ricardo. [RICARDO SENTA-SE]

Ricardo — não se preocupe mamãe, já estou sentado.

Leticia — E como vai com a sua maravilhosa profissão?

Ricardo — Bem mamãe, muito bem, sou muito grato pela senhora e tio Antônio. Não sei como pagar-lhes essa gratidão.

Leticia — Óh nem pense nisso Ricardo, você é quem teve vontade de estudar. Eu tenho muito orgulho de você.

Ricardo — E tem que ter mesmo mamãe, pois sou o único filho.

Leticia — Tens razão meu caçula. [RICARDO LEVANTA-SE]

Ricardo — Sabe mamãe, por falar em caçula, lembrei-me de papai.

Leticia — Você sempre está lembrando de seu pai. Parece que quer muito bem ele, Ricardo.

Ricardo — Creio que não há mal nenhum em querer bem ele. Há dois meses atrás eu vi ele, como está acabado, quase nem o reconheci.

Leticia — Ainda continua bebendo não?

Ricardo — Sim, ainda continua bebendo; Papai está dominado pelo álcool. Tenho pena, já aconselhei para que deixe desse vício, mas é inútil! Não me ouve.

Leticia — Deixe dele; Julio nunca fez nada por você.

Ricardo — Eu sei mamãe papai nunca fez nada por mim, mas é vivo, eu tenho que adorá-lo. Por ele farei tudo que tiver ao meu alcance. É meu pai.

RICARDO SAI DE CENA.

LETÍCIA LEVANTA-SE. A SÓS.

Leticia — Tens razão, Julio é seu pai. Os filhos sempre adoram os pais.

ANTÔNIO ENTRA EM CENA

Antonio — Olá mana. Alguma novidade?

Leticia — Não, Antônio.

Antonio — Parece que você está preocupada com alguma coisa!?

Leticia — Não, é que Ricardo não deixa de ver o pai.

Antonio — E isso a preocupa?

Leticia — Um pouco.

Antonio — Óra, deixe de bobagem. Ricardo sabe o que faz, ele quer muito bem o pai. Não há mal nenhum nisso, há?

Leticia — É mesmo, eu sou uma tola.

LETICIA SAI DE CENA

Antonio — Essa minha irmã é mesmo nervosa. Não sei o que ela pensa tanto. Há vinte anos que vive aqui conosco, e ainda não consegui descobrir o que faz preocupá-la tanto. É estranho. Eu só sei dizer que Ricardo cresceu, estudou, se formou e ela não esquece do passado. [ELE OUVES UNS PASSOS E...] Quem está aí?...É a senhora mamãe?...

OUVE-SE UM TIRO POR TRÁS DA CENA. ANTÔNIO TOMBA SEM VIDA. JULIO ENTRA EM CENA, COM UM REVÓLVER NA MÃO, LOGO QUE ANTONIO TOMBA.

Julio — Hé! hé! hé! Eu disse que um dia você me pagaria, [ASSUSTADO] Mas o que eu fiz? Eu acertei, não...ele está morrendo...[POR TRÁS DA CENA] Veio daqui o estampido. O que deverá ser. Antônio!...Você está aí, Antonio?

Julio — São vozes...o que eu fui fazer, quero fugir daqui. Perdoe-me Antonio, eu não quis alvejá-lo, eu errei...eu errei...

ENTRA EM CENA LETÍCIA E APAVORADA DE VER SEU IRMÃO MORTO GRITA E...

Leticia — Aiiiiii Que horror Antônio, o que aconteceu?

E DEBRUÇA AO CADÁVER

Antônio — É tarde, mana. Eu...eu nunca esperava que Julio me odiasse tanto.

Leticia — Antônio...Antônio... Antônio, não...ele morre...[LETÍCIA CHORA E EXCLAMA...] Assassino! o que você fez nunca será perdoado, Julio. Qual a razão que você fez isso Julio?...Responda...[JULIO DE CABEÇA BAIXA]

Julio — Não sei...eu...eu não quis matá-lo, acredite...

Letícia — É mentira...Toda vida você o odiou. [GRITANDO] Assassino... Assassino...

PANO RÁPIDO
FIM DO 3º ATO.

4º ATO

PRÓLOGO —

JULIO MARTINS FOI PRESO DEPOIS DE TER ASSASSINADO ANTONIO.

DEPOIS DE 6 MESES FOI JULGADO.

VEJA O JULGAMENTO DE JULIO MARTINS AGORA NO 4º ATO DA PEÇA.

O JUIZ — E vamos dar início à sessão do julgamento com a palavra da promotória.

LEVANTA-SE O PROMOTOR.

Promotor Ricardo — Meritíssimo Juiz. Nobre corpo de jurados. Aqui estou pela primeira vez na minha carreira, procurando fazer justiça, e defender a lei. É contra o meu gosto acusar o réu, mas é contra meu gosto também deixar de não acusá-lo. Sim, porque vocês bem conhecem que Julio Martins, o acusado presente, senhores, é o meu pai. Mas a justiça não quer saber se somos, ou não, o mesmo sangue. Ele matou senhores. Ele cometeu um estúpido crime pelo maldito álcool, e pela sua ideia ignorante de guardar o rancor da esposa que há 20 anos atrás o deixou por causa de sua bebedeiras, e falta de caráter. Já que ele esperou 20 anos para cometer esse crime, deveria esquecer a vida toda, o que acham os senhores jurados? [E TOMA UM POUCO D'ÁGUA]. Mas não, deu por si mesmo que precisava agir como um cangaceiro, matando estupidamente um indivíduo desarmado. Antonio de Paula, meu tio, a vítima, estava em sua casa, como de costume, ouviu uns passos, e ao verificar quem era perguntou-lhe: — Quem está aí? É a senhora, mamãe? A resposta foi um clarão alaranjado e um estrondo seco. A bala de seu revólver foi certa, atingindo o estômago da vítima, derrubando-o sem vida. O assassino disse: — Eu não queria matá-lo. Agora eu pergunto: Qual era a sua intenção de ir justamente na casa de seu cunhado, empunhando um revólver? [E TOMA UM COPO D'ÁGUA] Será que Julio Martins, o acusado presente, ia apenas assustá-lo, fazer medo, machucá-lo, ou por certo brincar de mocinho? [O JUIZ BATE O MARTELO E...]

O juiz — Vossa Excelência está fugindo do processo.

Ricardo — Peço desculpas ao meritíssimo juiz, eu só queria fazer o réu ver que, cachaça não é água, e uma arma de fogo não é nenhum brinquedo, pois sua pessoa é bastante madura para brincar com um revólver. E portanto, senhores jurados, peço a pena máxima para o réu.

O Juiz — Alguém deseja fazer alguma pergunta? Bem... Por ser um alcoólatra, o réu sofrerá a pena máxima de 10 anos de prisão. Está encerrado o julgamento.

SAEM O JUIZ E O CORPO DE JURADOS DE CENA. O RÉU E RICARDO FICAM EM

CENA. RICARDO VOLTA-SE PARA JULIO. O RÉU NERVOSO E...

Promotor Ricardo — Pae...Perdoe-me. Acredite...Foi contra o meu gosto acusá-lo.

O RÉU NERVOSO, RESPONDE

Julio — Perdoar o que meu filho? Você fez o seu dever, acusou-me e ainda deu-me um conselho que eu devia dar como pai.

Ricardo — Sim, meu pai. Eu tinha que fazer justiça, perdoe-me.

Julio — Não se preocupe, Ricardinho, da minha parte você é um filho muito abençoado. Mandar-me para prisão foi uma lição que eu devia aprender há 20 anos atrás. Não é você que me condena, é o crime que pratiquei. Seja bom meu filho. Seja bastante feliz com sua maravilhosa carreira. Nunca faça o que seu pai fez. E Deus que abençoe.

FIM

PANO RÁPIDO